

Ainda não é meio dia e já tocaram à porta umas quinze vezes esses bandos de crianças que perpetuam o “Pão por Deus” Tradição centenária em Portugal e aqui nas 9 ilhas dos Açores. Este ano até a Junta de Freguesia da Lomba da maia abriu as suas portas para dar os doces às crianças...

Vejam como descrevi isto em 2006, no meu livro *Crónica Açores* uma circum-navegação volume 2

### **DO HALLOWEEN AO DIA DE FINADOS (2006).**

Dia de Bolinhos, Ti Bolinhos, ou Dia de Todos os Santos. Assim se cumpre aqui nos Açores mais um ritual. As crianças saem à rua, em pequenos grupos, para pedirem, de porta em porta, o pão-por-deus. É costume, noutras regiões, oferecerem um bolo, o *Santoro*, aos jovens que recitam versos e recebem pão, broas, bolos, frutos secos, nozes, amêndoas ou castanhas que colocam nos seus sacos de pano...São vários os versos para pedir o pão por Deus:

*Pão, pão por deus  
à mangarola,  
encham-me o saco,  
e vou-me embora.  
O gorgulho gorgulhote,  
lhe dê no pote,  
e lhe não deixe,  
farelo nem farelote.*

É milenária a origem do dia “de Todos os Santos” conhecido ainda como “Dia do Bolinho” ou “Pão de Deus”. As crianças andam, desde manhã cedo, repetindo “Ó tia! dá bolinho?”. Nos meios rurais, há quem leve a rigor a tradição preparando bolinhos com massa, noz, passas e frutos secos. Dia 2 é Dia de Finados e os católicos vão ao cemitério depositar flores nas campas. No tempo de Cristo, os celtas comemoravam o ano novo a 1 de novembro. Representava o fim do verão, o início do outono, a época das colheitas, antecedendo a escura e fria inverno, sinónimo de temporais e morte. Os Druidas consideravam o dia 31 de outubro “*Samhain*” (*Senhor da Morte e Príncipe das Trevas*) ou “Dia das Almas”, celebrando a passagem entre a vida e a morte. No séc. VII, o Papa Bonifácio IV designou-o “Dia de Todos os Santos”. Assim se cristianizou uma celebração de cariz profano.

### **1. Período Pré-Cristão / Cristão**

Acreditava-se que os espíritos dos mortos voltavam para visitar familiares em busca de calor e mantimentos no inverno, reinado do Príncipe das Trevas. Os Druidas invocavam forças sobrenaturais para acalmar os espíritos que raptavam crianças, destruíam colheitas e matavam os animais. Acendiam-se fogueiras para os guiar ou para espantar as bruxas. A inclusão de feiticeiras, fadas e duendes nos

rituais, resulta da crença pagã de que, na véspera, Dia de Todos os Santos, os espíritos opostos aos ritos de Roma vinham ridicularizar a celebração cristã. Os fantasmas pregavam partidas e causavam acontecimentos sobrenaturais. O Halloween, sem os tenebrosos

aspectos celtas, tornou-se alegre e divertido, generalizado nos EUA pelo influxo escocês, após 1840. Alguns costumes foram mantidos, outros mudados. As Jack O'Lantern passaram de nabos a abóboras.

## 2. Jack O'Lantern

Numa versão, há um bêbedo e agressivo Jack que bebe até morrer. O Diabo desceu à Terra para levar a sua alma, mas Jack pediu para viver e beber mais um copo. O Diabo cedeu. Como Jack não tinha dinheiro o Diabo transforma-se em moeda na carteira. Como o fecho tinha o formato de cruz, o Diabo suplica para sair. Jack libertá-lo-á se ficar vivo por mais um ano. O Diabo concede o pedido. No dia 31 de outubro seguinte, volta e reclama a sua alma

mas Jack convence-o a pegar numa maçã árvore e sorrateiramente risca uma cruz no tronco. O Diabo foge e promete retornar dez anos depois. Jack só o libertará se jamais regressar. O Diabo concorda. Jack morre. Impedido de entrar no céu, no inferno é recusado pelo Diabo que lhe oferece um tição para um nabo esculpido em forma de lanterna para iluminar os caminhos do seu espírito.

## 3. Travessuras Ou Gostosuras (*Trick Or Treat*)

Tradição irlandesa. As crianças iam de casa em casa pedindo provisões para comemorarem o Halloween, em nome da deusa *Muck Olla*. A tradição ganhou roupas extravagantes e máscaras carnavalescas: fantasmas, bruxas, duendes, gnomos, e outras figuras aterradoras. As crianças batem de porta em porta, carregando abóboras iluminadas com velas, pedindo doces e dizendo: "*Trick or Treat*". Quem não lhes dá nada recebe uma vingança.

Halloween, de "*All Hallows Eve*", significa véspera de Todos os Santos. Os vivos que não queriam ser possuídos apagavam o fogo para o local parecer frio e indesejado, e vestiam fantasias assustadoras para afugentarem os espíritos que vagavam.

Na festa de *Samhain*, as fogueiras eram acesas com brasas do lume sagrado. Os irlandeses, esculpiam nabos e beterrabas que usavam como lanternas, mas ao emigrarem para a América, não havendo nabos e beterrabas em quantidade, trocaram-nos por abóboras. Na "Igreja Primitiva", São Paulo orientava o povo a não se preocupar com os mortos como os pagãos. Mas os cristãos visitavam os túmulos dos mártires para rezar pelos que morreram. No séc. V, a igreja já dedicava um dia do ano para rezar por todos os mortos, pelos quais ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava.

Na cultura judaico-cristã europeia, a recordação dos que já morreram assume grande importância para pensar que outra vida melhor está à espera e poderem aguentar as atrocidades desta vida.

Quem se não deu conta? Quase todos anseiam pela eternidade.

Isso concretiza-se na memória dos que conviveram com cada um. Há um dia dedicado a essa saudade, o que motiva muitos dos que vivem longe dos locais de nascença, a visitá-los uma vez ao ano. Hoje, a prática mantém-se no interior do

continente português onde, cada vez vive menos gente e mantém-se, quase inalterado, no meio rural dos Açores.

Patente expressão da cultura lusófona.

*O abade Cluny (Sto Odílio / S. Odo) em 998, ordenou que no dia 2 de novembro celebrassem o dia da memória e oração aos mortos. Ficou conhecido como dia de Finados. O costume alastrou-se a toda a Igreja Ocidental. No séc. XI, os papas Silvestre II, João XVII e Leão IX (1015) obrigaram as comunidades a dedicar esse dia aos mortos. Finados ou fiéis defuntos celebra-se a 2 de novembro, a seguir a Todos os Santos.*

#### 4. Feriados E Ritos

Eu observava empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular nos ritos, comparativamente à minha infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes católicos em Portugal é notável. No último censo eram 92,2% e só 10% ia à missa...

Opino não ser preciso haver dias assinalados no calendário, propositadamente colocados a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc.

Cada um, na reclusão do seu lar, deverá dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade para homenagear os seus mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento, uma lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados. A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não mereciam qualquer espécie de sentimento ou os antepassados que nunca conheceram.

Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem comigo. Para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. São companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostasse de ser recordado assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantinha, há décadas e até há bem pouco, uma romagem semanal ao cemitério de família (em Agramonte, Porto).

#### 5. Ngaben

A não perder é, sem dúvida, a cerimónia religiosa que mais me marcou em toda a vida: o *Ngaben*, cerimónia da cremação. Muitos acreditam que esta é a cerimónia mais

importante de Bali, porque catalisa todas as crenças que se manifestam nas cerimónias públicas e rituais mais privados.

Como os rituais indicam, a religião hindu balinesa acredita que a alma da pessoa se reencarna, e tem que passar por várias fases para atingir a *Moksha*, ou a libertação eterna. Os que não conseguem atingir a perfeição voltam ao mundo e têm que atravessar as mesmas fases, em busca da libertação. Depois da morte, os cinco elementos cósmicos - ar, terra, fogo, água, e espaço exterior - acompanham a pessoa na viagem após a morte, e ajudam-na a atingir a *Moksha*.

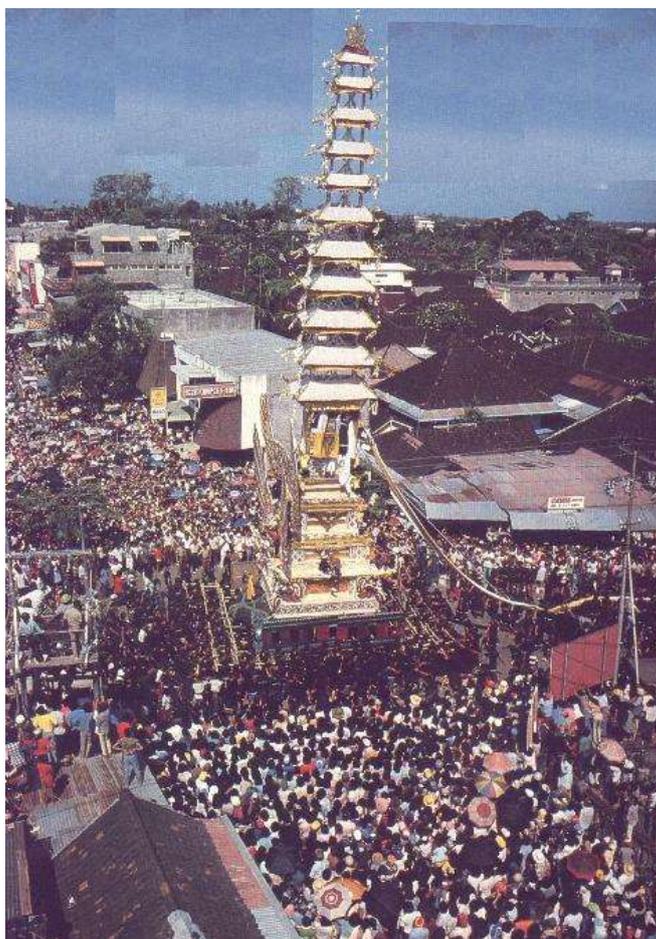
*Esta cerimónia do Ngaben não pode ser feita a qualquer dia nem pode ser oficiada por qualquer pessoa. Terá que se determinar um dia propício e a família do morto ou morta deverá financiar a grande cerimónia e festa. Se o dia propício à cremação só chegar anos após a morte, constitui um problema para a alma da pessoa, que não pode ser libertada. Durante esse compasso de espera o corpo é temporariamente enterrado. Quando chega o dia da cremação, o corpo é desenterrado para a cerimónia. Se uma comunidade tiver vários corpos enterrados com as famílias a esperarem a época propícia para a cremação, é possível haver uma cremação conjunta, o que ajuda às despesas.*

*Esta procissão não pode ir diretamente para o lugar da cremação, porque se o espírito do morto se lembrar de onde vivia, pode voltar para importunar a família, pelo que será preciso confundir-lo quanto ao caminho de regresso à casa da família. Também é necessário atrapar os possíveis espíritos desocupados que se encontrem pelo caminho da procissão e resolvam segui-la. Se considerarmos que o espírito do morto também se pode lembrar de onde vivia, isto resultaria numa grande confusão de espíritos, trazidos pelo espírito do parente morto para apoquentar a família.*

*Os balineses têm por hábito reunir em grupos para conversar e contar histórias, portanto não seria de estranhar que os seus espíritos continuassem a fazer o mesmo, e acabassem por ir bater à casa do morto. Isto faz bastante sentido, e motiva a que as procissões funerárias, além de serem coloridas e festivas, também sejam complicadas, porque envolvem andar em círculos, definir caminhos de ida e volta, enquanto um sacerdote sentado no andor deita uma aspersão de água benta na procissão e nos que se encontram à beira da estrada, para protegê-los. Vale tudo para confundir os espíritos.*

*Todos os membros duma comunidade têm que participar no evento e contribuir de alguma maneira, mesmo quando a família é rica. Depois da cremação propriamente dita, as cinzas são dispersas no ar e na água (de um rio ou do mar). O corpo deve estar contido num sarcófago com a forma de animal e a escolha do animal varia de etnia para etnia. Alguns são inteiramente surrealistas, formando-se pela mistura de elefantes com peixes ou algo semelhante. Os corpos são envolvidos com finos tecidos - os mais caros que a família puder dispor - e são transportados numa espécie de andor que pode ter apenas um telhado no caso das pessoas pobres e até 11 telhados, o máximo permitido apenas para os reis. A altura desse andor ou armação em bambu, pode chegar até 25 metros e o transporte pelas ruas pode necessitar de 400 pessoas desde a casa do morto até*

*ao local de cremação, cumprindo rituais de dança que fazem a torre girar perigosamente.*



*Torre com 11 telhados, o máximo permitido, destinada ao transporte do morto de sua casa até ao local da cremação. O número máximo de telhados indica a morte de um rei. Quatrocentas pessoas transportaram essa torre de 25 metros, com o Rei Pemecutan morto. A honraria dos 11 telhados só é concedida aos nobres Brâmanes – altos sacerdotes. Quase 600 pessoas foram cremadas nesse dia em um ritual semelhante a uma festa, com bebidas e doces em profusão*

A mais impressionante a que assisti - talvez por ser a primeira - ocorreu em plena praia de Kuta e o sarcófago era em forma de vaca. Presentes centenas de pessoas num dia bem quente e húmido como é costume em fevereiro (1975). O cortejo foi levado ao local da cremação, onde o falecido foi devolvido aos cinco elementos originais: a terra (*Pertivvi*), a água (*Apah*), o fogo (*Teja*), o ar (*Bau*), e o éter (*Akasa*).

O corpo transportado numa espécie de andor de bambu enfeitado de flores, espelhos e sedas coloridas. Este andor tem um tamanho determinado pela importância do morto e é carregado nos ombros de homens da comunidade. Toda a gente dançava e cantava em volta do andor após ter sido ateadado o fogo. O cheiro era intenso, mas não desagradável numa atmosfera surreal, que não se explica, mas se vive, em presença de toda a conjugação de elementos.

Depois das várias horas que demorou a arder, os convivas meteram-se em canoas e foram para o mar onde se despojaram das cinzas. Talvez tivesse sido esse dia indeterminado aquele em que decidi que queria ser cremado com as cinzas deitadas ao Pacífico Sul. Durante muitos anos tive essa cláusula num testamento válido à época, o que muito espantara a minha atual mulher, descrente dessas coisas dos orientes exóticos.



Ngaben em Bali

*Em Bali ainda não se usam nomes de “estrelas de cinema, futebol ou televisão” para os recém-nascidos. O primeiro filho recebe sempre o nome de Wayan, Gede ou Putu. O segundo chama-se Made (lê-se máhdei), Nengah ou Kadek. O terceiro é Nyoman ou Nengah ou Kadek e o quarto de Ketut (pronunciado katut). Se houver um quinto filho, é fácil, a lista recomeça em Wayan e assim por diante. Tanto faz se for homem ou mulher.*

*Pode parecer estranho, mas os balineses acham o sistema muito simples e prático. Existem ainda outras formas de designar as pessoas num sistema circular de quatro gerações, mas fica para outros pesquisarem, porque envolveria explicar os casamentos interfamilias e outras noções de homenagem aos mortos que seriam demasiado específicas para este contexto.*

Curiosamente, em outubro 2016, a Igreja Católica desaconselhava as cinzas e proibia que as mesmas fossem guardadas em casa ou lançadas aos elementos, estipulando que deveriam ser guardadas em local de culto...